

A dolorosa conta dos comerciantes

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do **Correio**

Não está fácil pagar a conta. Os donos de bares, restaurantes e similares do Distrito Federal se queixam da crescente dificuldade de honrar compromissos com fornecedores, dívidas trabalhistas e alugueis. Em Taguatinga, a descapitalização do setor vem provocando oscilação até mesmo em relação à área da cidade em que se concentram.

Há sete anos comandando o Antúrios, uma das casas mais tradicionais de Taguatinga, o empresário Lourival Menezes é um dos que luta para manter a qualidade e o bom nome do restaurante. Lidando com flutuações de preços dos fornecedores, juros que sobem e descem, o que mais incomoda Lourival é o aluguel. Um lugar fixo em área que privilegie seu tipo de atividade é o sonho dele e de muitos.

Para o empresário, a perspectiva do reajuste e volta de pagamento de tíquetes aos servidores do Governo do Distrito Federal — promessa de campanha do governador eleito Joaquim Roriz —, reacqueria um pouco o setor. “As pessoas só freqüentam bons restaurantes quando têm algum dinheiro extra para gastar”, diz. Segundo ele, esse aumento e a queda das taxas de juros compensariam as perdas que serão provo-

Edson Gês 25.9.97

DF - comércio



A crise que preocupa empresários de Taguatinga atinge até mesmo o restaurante Antúrios, um dos mais tradicionais da cidade

cadas pelas medidas de ajuste fiscal lançadas pelo governo federal.

Charles Roberto Lima, presidente da Associação de Bares, Restaurantes e Similares de Taguatinga, acredita que os estabelecimentos da cidade atravessam um período de transição para um novo ponto comercial. A entidade congrega 480 associados dentre aproximadamente 4 mil estabelecimentos na cidade.

“É algo sazonal. Primeiro foi a Praça do DI, que concentrou os locais mais badalados da cidade. Depois o Setor Hoteleiro, então as praças da CNF e finalmente o auge no Pistão Sul”, enumera Charles.

“Hoje o movimento está voltando para o Setor Hoteleiro e deve retornar à Praça do DI”, avalia.

PISTÃO SUL

O presidente da associação afirma que a queda no movimento do Pistão já era uma coisa esperada numa avaliação feita há mais de dois anos. “É uma área primordialmente destinada às concessionárias de veículos, não há tradição de estabelecimentos ligados à alimentação e lazer ali, ou estrutura para comportá-los”, diz.

Essa visão parece encontrar eco na Associação Comercial e Industrial de Taguatinga (Acit). A entida-

de teve participação bastante ativa na defesa da criação do Distrito Industrial de Taguatinga, localizado ao fim do Pistão Sul, e também na aprovação do projeto da área de lazer no Pistão Norte, o Taguapark.

O Distrito Industrial é uma realidade, na semana passada foram encaminhados à Terracap os títulos cartoriais dos lotes dessa área. Enquanto isso, o Taguapark teve o projeto aprovado e a área cercada, mas não será o Governo do Distrito Federal, nesse ou no próximo mandato, que vai ter dinheiro suficiente para tornar o projeto uma realidade. O investimento estimado em R\$ 500 milhões deverá vir da iniciativa privada.

Para Lourival Menezes, proprietário do Antúrios, a maior conquista para os empresários dos setores de alimentação e lazer na cidade, seria a construção do Taguapark: “Eu abriria ali um restaurante ou uma churrascaria. Estamos lutando pela realização desse projeto”, diz Lourival.

TURISMO

Na opinião do presidente da Associação de Bares e Restaurantes, o desenvolvimento de um pólo turístico e de lazer em Taguatinga é imprescindível para o mercado da cidade. “Dessa forma fixaríamos o consumidor taguatinguense aqui e, com bons hotéis, teríamos clientela de fora”, diz. Para Charles, o desenvolvimento do Projeto Orla tende a “roubar” da cidade o fluxo de pessoas de outras cidades do Distrito Federal que hoje buscam diversão no Pistão Sul e outras casas como a boate Ilha, na Avenida Comercial Norte.

Segundo o presidente do Sindicato dos Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares do Distrito Federal, César Gonçalves, o investimento no turismo é um dos melhores campos para desenvolvimento econômico em todo DF. “O turismo aqui é quase totalmente de negócios, 75% dele. Não há estrutura de lazer que motive as pessoas a ficar mais tempo”, afirma.

Por isso ele acredita que deve-se priorizar um projeto integrado de turismo, o que inclui a execução do projeto do Taguapark. “Não adianta criar um setor específico para empresários da área de alimentação. A existência do pólo de turismo já pulverizaria o movimento dos consumidores na cidade”, diz.